

## **Crises, Práxis e Autonomia: espaços de resistência e de esperanças**

### **A AGB e a Universidade: vitrine e telhado de vidro**

(Discurso de encerramento XVI ENG –Porto Alegre 2010)

*Profa. Dirce Maria Antunes Suertegaray  
AGB- Porto Alegre*

Queridos Agebeanos, ao dar início a esta fala de encerramento quero, antes de tudo, dizer que é com muita alegria que divido esta mesa com meu colega e amigo Carlos Walter, geógrafo, conhecido pelo seu trabalho em prol da geografia e da sociedade brasileira e, mais amplamente da América Latina. Entre tantas das suas idéias, hoje em discussão entre nós, lembro aqui, aquela que para mim, nesse momento é altamente significativa, ou seja, sua proposição de que nosso fazer geográfico seja descolonizado.

Quero também agradecer o convite feito pela diretoria nacional da AGB, para que ocupasse este espaço, anteriormente, reservado ao nosso querido prof. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, certamente, seria diferente... Seria prazeroso e muito instigante podermos ter ouvido este tão querido professor. Ele não pode comparecer, coube a mim, por indicação da AGB-Rio de Janeiro realizar esta tarefa. Agradeço a confiança dos colegas da AGB-RIO. Espero que na continuidade tudo corra bem e dentro do esperado. Agradeço, também, a DEN- Diretoria Executiva Nacional pela confiança recebida através de sua presidência Alexandrina Luz e Nélon Rego e por extensão aos geógrafos da nossa congregação decisória, a RGC (Reunião da Gestão Coletiva).

O que me foi solicitado é que faça uma avaliação do XVI ENG (Encontro Nacional de Geógrafos) e indique diretrizes para pensar e fazer Geografia. Tarefa não muito fácil, mas tentarei arriscar, sem falar em diretrizes, mas sim em possibilidades.

Escolhi o tema **Crises, Práxis e Autonomia: Espaços de Resistência e de Esperanças - a AGB e a Universidade Vitrine e Telhado de Vidro** para pensar a AGB versus a Academia (Universidades) e as conexões e conflitos manifestos. E nesse contexto, avaliar o evento e, quem sabe, resgatar algumas idéias para o fazer geográfico.

Penso que para nós, os mais antigos, que vivemos a AGB desde alguns anos, eu particularmente como sócia desde 1973, não é novidade reconhecer que a AGB nasce a partir da Academia, sustenta-se por longo tempo a partir de práticas universitárias e

rompe, através da crítica, com muitas dessas práticas, em especial, no ano de 1978, quando se democratiza, permite o acesso aos estudantes e, com isto, amplia-se e se complexifica.

Se complexifica na medida em que promove uma crise no interior da associação, propõe uma atuação ampla no contexto social, resgata para o âmbito da Associação o sentido da Práxis, da autonomia e da gestão coletiva.

Desde então vivemos uma crise, que acompanha o mundo, desde os anos 1970 por aí, e que se constitui por um processo longo, conforme já nos dizia, em 2000, o Prof. Carlos Augusto F. Monteiro. A crise de que se fala não é um evento, necessariamente, de tempo curto. Se entendermos crise como processo de mudança, esta se faz em tempos mais longos.

Chamou-me atenção, agora, neste evento Volmério Coelho, agebeano desde alguns anos, para o fato de que o tema do evento de 1982 em Porto Alegre, coincidentemente, propunha discutir a crise. É isso, a crise é longa...

Esta crise se manifesta por tensões. Uma das tensões presentes no dia a dia de nossa associação é relativa à origem, a AGB e seu vínculo com a Universidade e a disposição dos agebeanos tornarem-se autônomos. Certamente esta tensão não é homogênea ao conjunto de seus associados, mas, por vezes é, em maior ou menor grau, hegemônica.

Algumas evidências dessa tensão estão presentes na discussão política da AGB como, por exemplo, a tensão manifesta ou velada entre: alunos e professores, doutores e não doutores, convidados doutores e convidados não doutores, licenciados e bacharéis, discurso acadêmico e inserção social, produtividade e produção científica qualificada... Debate político e debate acadêmico. Além das tensões como AGB x ANPEGE, AGB x CAPES, AGB x CNPq, AGB x CREA, AGB x MEC entre outras.

Estas tensões manifestam na AGB e na construção deste evento, em meu entendimento, o conflito e o desejo de autonomia, ou seja:

O desejo de poder construir um evento ampliando as falas para além dos doutores (o que sempre fez desde 1978) e a exigência dos órgãos financiadores da participação destes no processo, como forma de liberar financiamento.

O desejo de não oferecer “regalias” aos convidados, na maioria acadêmicos, como bons hotéis e transporte (como também foi sua prática ao longo desse tempo) ou mesmo não arcar com os custos dos convidados brasileiros podendo sim financiar os convidados estrangeiros.

O desejo de não depender somente dos acadêmicos doutores para constituírem a Comissão Científica dos eventos e não solicitar financiamento junto aos órgãos financiadores, portanto, o desejo de autonomia financeira.

O desejo de não seguir os moldes acadêmicos de avaliação científica dos trabalhos inscritos e propor uma avaliação educativa e a participação de todos.

O desejo de romper com a produtividade acadêmica e promover a ampliação do debate político.

O desejo de não diferenciar bacharéis e licenciados contrapondo-se as exigências formais do CREA e mais recentemente do MEC (em termos de formação acadêmica).

O desejo de não estar presente, oficialmente, em debates importantes relativos, por exemplo, a Educação, ao Currículo as Diretrizes do Ensino (MEC), as representações dos geógrafos no CNPq ou mesmo CAPES, por não considerar relevante a aproximação com o estado.

O desejo de promover o debate político e a participação através de uma práxis comprometida com a mudança da sociedade e a constatação da vontade dos agebeanos manifesta no grande número de trabalhos encaminhados (3080), em contraposição ao número de grupos de trabalho de cunho político (14) e estratégico para a AGB.

O desejo de não se render às agências que organizam eventos (Vitrine) e a construção de eventos com um grupo de voluntários que por longo tempo dedicam-se a esta atividade, muitas vezes abandonando outras, que seriam importantes nas suas vidas e, se deparar ao longo do evento com a crítica contundente de muitos de seus associados (telhado de vidro), indicando, quase sempre as falhas no processo e em menor grau reconhecendo a dedicação de poucos.

O desejo de ampliar o número de participantes ativos nas atividades da AGB e ao mesmo tempo o desejo de tudo controlar, indicar, nomear, via Gestão Coletiva.

O desejo, como foi também na década de 1970 (lembrem a luta pela não implantação dos Cursos de Estudos Sociais promovida pelas universidades/ AGB), de dialogar, de ter na Universidade uma parceira atuante politicamente, e, verificar que a Universidade cada vez mais se distancia dos interesses sociais (salvo exceções), para construir-se numa lógica empresarial de, e para o mercado.

O desejo de ter seu próprio espaço organizativo e conviver, historicamente com espaços cedidos no interior de universidades e mais, ter que contar com espaços

públicos (em geral das universidades) para poder realizar eventos de grande magnitude como os Encontros Nacionais de Geógrafos e o Fala Professor.

O desejo de ser atuante no contexto social de promover o Debate/embate e não apresentar uma agenda de inserção social, ou de mostrar de forma mais ampla e profunda uma abertura para o diálogo com os diferentes sujeitos (coletivos, movimentos sociais em sua amplitude) e seus saberes, como se referiu Boaventura de Souza Santos em sua conferência de abertura.

Desta tensão resultam questões que considero relevantes no contraponto com a Universidade.

Penso que a AGB, em que pese à discussão, configura-se como Associação e/ou Movimento (Ariovaldo U. de Oliveira me convenceu em 2000 que se trata de um movimento, e assim deveria continuar), constitui um espaço de atuação dos geógrafos, impar em termos de congregação.

Na AGB estamos juntos (embora em conflito) alunos, professores de todos os níveis de ensino e bacharéis. Na AGB discutimos politicamente, confrontamos idéias, trocamos saberes os mais diversos, nos encontramos, com a AGB e pela AGB, a cada dois anos, nos eventos em escala nacional.

Surpreendemo-nos, a cada período de dois anos, com o crescimento do número de participantes (5000 inscritos neste ENG), nos decepcionamos com o número de “militantes” ou de participantes ativos nos rumos políticos e organizativos.

Surpreendemo-nos com o que fizemos, enfim, na AGB pensamos o mundo, os lugares, o contexto e agimos. Manifestamo-nos, e, ao longo do tempo em que vivemos a AGB, fundamentalmente, apreendemos a fazer política.

Foi essa vivência e esse aprendizado que provocou discussão e reordenação da Geografia na Academia (dos anos 80 e 90) e, por extensão no ensino, seja na sala de aula, e na produção, por exemplo, dos livros didáticos. Foi essa vivência que ampliou a produção acadêmica e o debate político na academia desse período, foi essa vivência que nos permitiu construir e ampliar o processo de formação em Geografia em nível de Pós-Graduação.

Por que digo isso? Porque se observarmos os sujeitos, em escala nacional, atores desses eventos, verificaremos que muitos deles são Agebeanos (Históricos), Agebeanos que construíram a crítica nos anos 70 e 80 e, através da práxis transformaram espaços acadêmicos e para além deles. Portanto, a AGB teve sempre papel fundamental na tensão provocada na Universidade e com isto promover reflexão e mudanças. E assim deve continuar.

A AGB não tem percebido a importância de seu papel, talvez porque os tempos sejam outros, onde tudo flui tudo é efêmero, onde o resgate do processo histórico e o entendimento do passado como caminho de explicação do presente tende a ser negligenciado.

O mundo não começou ontem e o que vemos muitas vezes é, no âmbito da discussão política de nossa associação, um desejo de, esquecer o passado, de negar o passado e considerar o que foi construído e seus construtores como algo apolítico, ou mesmo contrário, ao pensamento de “renovação” mais atual. O argumento ouvido de que a AGB vive da memória de 1978 pode ser contestada com outra leitura. Não vivemos da memória de 1978, convivemos com Geógrafos que, sendo jovens naquela época promoveram transformações, mas que ao longo desse tempo, prosseguiram no caminho que apontavam e hoje constituem nomes que podemos com certeza dizer que, não só contribuíram para a consolidação de uma geografia fundada na práxis, e por derivação na crítica e no engajamento nos embates pelas mudanças. São exemplos desta atuação: Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Rui Moreira, Arlete Moisés Rodrigues, Carlos Walter Porto Gonçalves, Paulo Alantejano, Bernardo Mançano entre tantos outros desta e de gerações mais novas que foram se agregando e se engajando no debate/embate nacional sob diferentes problemáticas e escalas de participação. Essas ações estão pulverizadas, a AGB não tem conseguido promover essa articulação em escala nacional, mas elas, estão presentes em nosso cotidiano.

Por vezes, ou de forma persistente, agebeanos colocam-se em confronto com os acadêmicos, o que é salutar, pois a Universidade mudou ou vem mudando. Aquilo que foi construído nas duas décadas passadas está ruindo e a AGB atual tem suas razões, é preciso tencionar, avaliar, criticar.

Portanto, é necessário, realimentar e, nos realimentar, daquilo que foi sempre o combustível da AGB - a crítica política, pois a Academia precisa sim ser sacudida, ser avaliada, criticada, para poder se repensar. O que está posto hoje na Universidade, caricaturando pode ser expresso através da seguinte crônica (da transformação anunciada):

## **Na Universidade**

Hoje, corredores vazios, portas fechadas

Diálogo, só por email...burocracia

Debate político

Para que?

Crítica direcionada a quem? Não faz sentido, não vale a pena...

Análise crítica... Jamais

Professores burrocráticos ( conforme Milton Santos)... (nem todos),

Fazedores de pesquisa muitos

Intelectuais poucos

Universidade: empresa...

Política universitária: gestão empresarial

Palavra chave: propostas proativas... agendas proativas

Produtividade, quantidade, números...

Qualidade? Ainda é possível...

Ensino: professor datashow

Pesquisa: demanda do mercado (como meta)

Extensão: serviços

Patentes, direitos autorais, registros

Discursos enlatados acrílicos, normativos...

Silêncio nos corredores

Alunos, bolsistas, pesquisadores... Autores... Co-autores

Politicamente desejosos, por vezes, de debate

Onde?

Portas fechadas, caras amarradas, corredores vazios

Tempo escasso... Corrida sem fim... Espaço inerte à política e a vida

Atomização, individualismo, concorrência, competição

Para onde?

AGB, o lugar ainda é aqui

Embora não somente aqui

Onde estão esses lugares?

Espaços para e em construção...

Esperança

...De que neste espaço agebeano continue se manifestando e debate/embate entre saberes, o acadêmico, o político, o cultural, o social...

De que neste espaço continue se apostando na cooperação e na solidariedade, na troca, no respeito às diferenças, no diálogo, nas divergências, no respeito e no apoio mútuo.

De, na continuidade construir a Geografia a partir de caminhos que se vinculem a nossas heranças e, ao mesmo tempo se renovem.

De liberdade de expressão geográfica, autonomia na construção dos saberes, criticidade e politização crescente e, necessariamente, Práxis (no sentido Marxista): pensar/ construir saberes para transformar/construir saberes...

Enfim, sempre nos pensamos divididos em campos do conhecimento. A Geografia não é diferente, diante disto tendemos a pensar que o conhecimento prático, aquele que, em nossa Geografia, se confunde com a velha Geografia Física é o mais útil socialmente, que o conhecimento produzido pelos colegas das humanidades, avaliado como de difícil aplicabilidade é, portanto, retórica.

Falsa verdade se compreendermos o que nos ensinam os filósofos: transformações sociais se fazem, certamente, em tempo mais longo do que a produção de um objeto técnico, mas são esses saberes que no embate social tencionam os saberes constituídos e as práticas sociais e, embora em tempo mais longo, são promotoras de grandes mudanças.

Diretrizes para a Geografia, quem sou eu? A geografia é maior que todos nós, temporal e espacialmente. A Geografia é ao mesmo tempo: transcendente (na medida em que transcende historicamente a todos nós) e imanente (na medida em que ela é construída por nós, a partir de nossos valores, de nossa visão de mundo, de nossas formas de inserção social).

E a Geografia tem vivido em crise. É dominada por paradoxos.

Como já indicava Carlos Walter Porto Gonçalves em 1978, a Geografia está em crise!  
Viva a Geografia!

Mas, em meio a crise a esperança não nos imobiliza. Nesse sentido resgatei ao longo dessa semana alguns depoimentos que nos permitem demonstrar que a tensão está presente como também está a esperança. Estes breves depoimentos se repetem ao longo desses anos, em 2002 quando saia da Presidência da AGB dizia:

*. “Penso que a AGB enquanto organização é frágil, vivemos dificuldades de organização, dificuldades financeiras. A grande maioria das locais tem um nível mínimo de organização, construído com o trabalho voluntário. A própria DEN tem dificuldades, trabalha de forma cooperativa em tempos não necessariamente contínuos. Conforme dados de 2001, tínhamos registrado 60 locais, destas, muitas vezes, poucas notícias temos. Recentemente, quando estabelecemos critérios organizativos para credenciarmos as seções locais para inscrições do XIII ENG obtivemos 21 seções formalmente organizadas. Não temos um banco de dados que informe quantos somos; quantos agebeanos somos no território brasileiro (esta questão foi resolvida nesta gestão 2010, tudo indica que a DEN conseguiu aproximar o número de associados em escala nacional). Este dado pode não ser relevante, mas é necessário para nos conhecermos e nos darmos a conhecer. Muitas vezes, precisamos dessas informações, solicitamos, buscamos, mas elas não vêm. Estas são pequenas coisas que indicam nossa fragilidade organizativa. Não obstante, temos uma história e um nome expressivo. A história dessa associação vem, portanto, do movimento”.*

Neste evento o que ouvimos:

A AGB precisa sair do interior das cavernas estabelecidas no interior das universidades brasileiras, ou mesmo, a posição de que, não faço crítica a AGB ocupar espaços públicos, mas sim associar-se ao calabouço.

A AGB precisa de autonomia organizativa para além dos espaços acadêmicos.

A AGB constitui um movimento sua idéia é congregar todos e todos os saberes.

A AGB demanda muito tempo na construção do ENG e pouco para a discussão política da entidade.

A AGB reúne num evento como este aproximadamente 5000 inscritos, quantos estão no debate político da entidade?

Essas falas revelam o que dizia, estas questões estão postas desde algum tempo, tencionam a AGB por dentro e em especial na relação que lhe deu origem a Universidade. São permanências na AGB que não serão resolvidas facilmente. São continuidades, como se referiu Roberto Lobato em sua fala sobre Geografia.

Hindenburgo Pires, em uma de suas falas neste evento, propôs como possibilidade de inserção social a utilização das técnicas de informação, desenvolver a inteligência coletiva, a ação coletiva, colaborativamente. Em que inteligência coletiva significa agir em rede e com a rede, desconstruir a hierarquia, promover a articulação horizontal com agilidade para responder as demandas sociais. Para isto precisamos de outra lógica, menos autoritária e de apoio mútuo. Trocar saberes e colaborar socialmente, através do que sabemos fazer. Produzir conhecimento para dispor publicamente, a serviço da sociedade e não a serviço da política e da economia dos dominantes.

Em várias salas em que pude assistir o debate, em particular no GT, O curso de Geografia da turma Milton Santos e a Plataforma Política da Via Campesina – Brasil pude perceber troca de saberes, acadêmicos, culturais, sociais e políticos, e suas conexões.

Da mesma forma nos GTs relativos a Representação da AGB junto ao Conselho das Cidades, que se consolida através de agebeanos fortemente comprometidos com essa causa, que tem na pessoa da Profa. Arlete M. Rodrigues, com sua experiência um trabalho que vem de longa data, posto que não iniciou nestes últimos dois anos e ,se amplia e se consolidada cada vez mais. Estes são dois exemplos de resistência e esperança, outros tantos existem vinculados, por exemplo, as AGB locais, a exemplo do envolvimento da AGB Espírito Santo no embate com a Aracruz Celulose e a Silvicultura em relação aos espaços de vida de indígenas e quilombolas além das questões de comprometimento com a diversidade e preservação da natureza como fonte de vida. Além de outros temas propostos nos GTs, como a participação dos geógrafos na questão ambiental, na saúde, na questão agrária e educação no campo, na educação (com 4 Gts).

Pensamos também, e com isto já conversamos eu e Carlos Walter várias vezes, que paradoxalmente, ao que disse anteriormente, demonstrando a tensão com a universidade, que a AGB poderia se constituir uma universidade aberta, associada a troca de saberes e dar continuidade a nossa formação individual e coletiva através de muitas atividades que privilegiam a democratização do conhecimento no e fora dos grande evento (ENG). Está seria também uma possibilidade de atuação social. O país carece de educação, em todos os seus níveis e a formação que recebemos, os títulos que recebemos, exigem mais do que a ampliação quantitativa e o engordamento dos Lattes.

Os antigos cursos, que foram deixados de oferecer, tinham uma procura e uma aceitação dos nossos associados. No embate político foram considerados como mais um espaço de projeção e ensino acadêmico e a alegação de que os ENG não eram Universidades e aqui não devíamos ensinar. Esquecemos que estamos em diálogo, sob



todas as suas formas, estamos sempre, também apreendendo e estes espaços eram como também são as oficinas (talvez em substituição aqueles) espaços de troca de saberes na medida em que congregava geógrafos de diferentes lugares do país para o debate de um tema de interesse.

Para finalizar deixo aqui registrado que em pese todas as dificuldades, todas as críticas, todos os conflitos, este evento é a manifestação da força da Geografia brasileira. Da força e da fragilidade organizativa de nossa AGB, da histórica procura de um lugar, sem perceber que, enquanto agebeanos estamos em cada um dos lugares, onde atuamos, fazendo política aquilo que a AGB fundamentalmente nos ensina e, onde para muitos corresponde hoje, o único espaço aberto ao embate de posições divergentes. Vitrines por vezes! Telhado de vidro por outras vezes!

Portanto; Autonomia aos geógrafos, para viverem todas as crises, todas as tensões e, pela práxis social poder superá-las.

Por fim, agradeço por terem vindo a Porto Alegre, por terem construído este evento, por promoverem este encontro.

Termino, também, minha fala, em gauchês.

Bom retorno, aos seus pagos!!! Ficaremos aqui, com a nossa Estética do Frio, como diz Victor Ramil, arrinconados , com saudades.

Obrigada

*Porto Alegre, 30 de julho de 2010*